

# O QUE APRENDEMOS NA EDUCAÇÃO MÉDICA PÓS-COVID?

ELIANE PEDRA DIAS - DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA, FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, BRASIL

MARIA AMÉLIA FERREIRA - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PÚBLICA E FORENSES E EDUCAÇÃO MÉDICA, FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTO, PORTUGAL

São milhões de infectados pelo SARS-COV-2 e milhares de mortes no mundo. Neste contexto complexo emerge uma visão sobre objetividades e subjetividades da educação médica e possíveis orientações futuras. A pandemia da COVID-19 foi ocupando gradualmente as cidades, em particular as grandes cidades do hemisfério norte. Em resposta, as atividades de ensino clínico para estudantes de Medicina foram suspensas<sup>1,2,3</sup>. Progressivamente, todo o ensino presencial foi cancelado, mas a comunicação é contínua e as vivências diversas. Rapidamente, organizaram-se para trabalhar o conteúdo teórico à distância e para programar encontros virtuais, produzir material interativo, indicar vídeos e *websites* com palestras ou até mesmo vivências simuladas, tentando cumprir os programas e evitar perdas. Mas, qual será o impacto destes meses, que não sabemos quantos mais, na aprendizagem e progressão da carreira de milhares de estudantes da pré- e pós-graduação e de internos da especialidade? Todo o esforço cumulativo para a planificação de 2020 foi alterado com a chegada da COVID-19 e a interrupção das rotinas nos setores do ensino superior e da saúde tem uma evolução imprevisível. E como podemos aproveitar esta oportunidade para a otimização dos programas de formação de métodos, introdução do ensino personalizado, a *learning analytics* e a realidade aumentada?

O cancelamento de estágios é uma questão relevante e, ainda que a tecnologia ajude a resolver os problemas de conteúdo, o desenvolvimento das habilidades (competências técnicas) fica prejudicado<sup>4</sup>. Por mais importantes que sejam as perdas do treino presencial, talvez isto não seja o mais importante neste momento. Nos locais fortemente atingidos pela COVID-19, os médicos com atuação na linha de frente agem, incansavelmente. Quantos estudantes, ao vivenciarem os seus quotidianos alterados, com redução drástica das atividades, pensaram: em que posso ajudar? Será que poderei voluntariar-me? E os docentes? Será que alguém pensou que vivenciar a vida médica com COVID-19 afetando todos, indiscriminadamente, é uma grande escola de Medicina? Ou o perigo e o medo foram predominantes? Nos EUA, a educação médica está a ser adaptada, e a documentação das vivências individuais, coletivas e institucionais é uma preocupação<sup>4,5,6</sup>.

Em todos os países surgiram propostas e colaborações, em ambiente *online* ou *offline* progressivamente mais amplo e colaborativo<sup>4</sup>. Segundo Ross, o momento é uma oportunidade para educadores trabalharem juntos e cita a iniciativa positiva de criar um "*14-day Quarantine Curriculum*"<sup>7</sup>. Pather *et al.*, na gestão da transição das atividades presenciais para *on-line*, identificaram elementos críticos: cuidados com a comunidade, comunicações claras, expectativas esclarecidas, alinhamento construtivo, prática, capacidade de comprometer, adaptar e planejar a continuidade<sup>3</sup>. Já Evans *et al.* expõem uma rápida resposta, mas insistem que o sucesso da abordagem inovadora na anatomia depende dos resultados de aprendizagem<sup>5</sup>.

Assim, os estudantes do ciclo básico, podem ajustar-se com mais facilidade aos desafios imprevisíveis da COVID-19. Mas, o que fazer para criar experiências para os que deveriam estar em aprendizagem direta com os pacientes? Há décadas, várias escolas ocidentais têm introduzido mudanças pedagógicas profundas, utilizando a tecnologia de modo racional e favorável à integração de conteúdo, a romper barreiras na comunicação para que a memorização solitária se socialize com a aplicabilidade, a simulação e tecnologia em imagem, telemedicina, telepatologia, aprendizagem e ensino em equipa, realidade virtual, tudo com foco no estímulo à aprendizagem ativa, num contexto da educação médica baseada em competências (CBME) e atividades profissionais confiáveis (EPAs). Segundo Woolliscroft, a velocidade e a quantidade de respostas inovadoras são extraordinárias, apresentando formas inovadoras de aprendizagem, em particular destacando os cuidados e a aprendizagem clínica virtuais como excelentes ferramentas para uso quotidiano na escola médica<sup>8</sup>. O ano de 2020 tem agora uma face diferente para todos os estudantes de Medicina, e o que for vivenciado terá impacto nas suas carreiras e na vida futura. E à medida que estudantes e professores se adaptam e conseguem observar o lado positivo, o interesse para estudar a COVID-19 será maior e enriquecido pelas vivências presenciais ou à distância<sup>4</sup>.

Aprendemos com a experiência e cada abordagem inovadora pode ser solução ou problema. Na emergência, as escolhas podem não ser as melhores e as possíveis podem ser surpreendentemente boas. Os educadores que tiverem a iniciativa de fazer algo, vão adquirir experiência e poder partilhar. Na sua inexperiência e sede de aprender, os estudantes podem atuar em diferentes frentes, como auxiliares educacionais junto aos seus colegas, pacientes e comunidade em geral. E esta experiência poderá ter um efeito muito positivo na construção das suas carreiras futuras. Estudantes e educadores podem, juntos analisar os efeitos das mudanças atuais para perceber, não só o valor de viver a própria história, como novos princípios e práticas aplicáveis ao futuro. Este pode não ser apenas um momento para contribuir para o avanço da educação médica, talvez seja um momento de particular importância para a integração de muitas disciplinas da Medicina<sup>1</sup>. McCullough *et al.* fornecem uma estrutura ética para orientar essa planificação, com base no princípio ético da beneficência e nas virtudes profissionais da coragem e auto-sacrifício da ética profissional em Medicina<sup>2</sup>. É importante que educadores médicos e estudantes consigam planejar uma

abordagem adequada para a pandemia da COVID-19, inclusive na solução de problemas como o fluxo frequente entre áreas dos departamentos de ensino, ambulatórios e hospitais, que tornam os estudantes de Medicina vetores potenciais para o COVID-19<sup>9</sup>.

Toda a tecnologia que oferece uma saída virtual e social é útil, mas pode ser insatisfatória num currículo. A necessidade de soluções inovadoras foi acelerada e a utilização da plataforma “Microsoft Teams” parece positiva, não só por manter uma comunicação à distância, como também para aprender sobre a possível implementação curricular bem-sucedida<sup>6</sup>. É inevitável refletir sobre a importância da tecnologia da informação e da comunicação, e acreditamos que as instituições de ensino médico precisam de investir mais nesta área, vislumbrando soluções muito práticas e positivas. Se os estágios forem adiados, certamente haverá aumento no número de estudantes no mesmo ambiente de aprendizagem. Será que as instituições de saúde poderão suportar? Nada será fácil nos próximos anos. A estruturação psico-emocional dos sobreviventes terá sido abalada de forma definitiva e não temos como prever de que modo as lideranças mundiais irão exercer os seus poderes, para bem ou para o mal. Uma certeza teremos que manter: a Medicina precisa de continuar a formar os médicos com competência, ética e humanidade.

Finalizando, *Strange Days* é um texto sobre o desconhecido futuro, médicos empurrados para o limite, ajustes educacionais, o que tinha prioridade e foi para o grupo “não essencial”, problemas económicos que não serão resolvidos, sobre o entendimento do que significa ser um profissional de saúde e de todos os problemas nos nossos sistemas educacionais ainda por resolver<sup>10</sup>. Estimula à reflexão sobre como lutas aparentemente invencíveis podem ser oportunidades para preparar melhor as instituições e profissionais para “futuros desconhecidos e inesperados”. E, por fim, sobre o entendimento do que significa ser um profissional de saúde e de todos os problemas nos nossos sistemas educacionais que ainda precisam ser resolvidos<sup>10</sup>. São estranhos dias que passarão a ser os que estão por vir?

## REFERÊNCIAS:

1. Rose S. Medical Student Education in the Time of COVID-19. JAMA. 2020.
2. McCullough LB, Coverdale J, Chervenak FA. Teaching Professional Formation in Response to the COVID-19 Pandemic. Academic Medicine. 2020.
3. Pather N, Blyth P, Chapman JA, Dayal MR, Flack NAMS, Fogg QA, *et al.* Forced Disruption of Anatomy Education in Australia and New Zealand: An Acute Response to the Covid-19 Pandemic. Anatomical Sciences Education. 2020.
4. Ferrel MN, Ryan JJ. The Impact of COVID-19 on Medical Education. Cureus 12(3): e7492.
5. Evans DJR, Bay BH, Wilson TD, Smith CF, Lachman N, Pawlin W. Going virtual to support anatomy education: A STOP GAP in the midst of the Covid-19 andemic. Anatomical Sciences Education. 2020.
6. Almarzooq Z, Lopes M, Kochar A. Virtual Learning during the COVID-19 Pandemic: A Disruptive Technology in Graduate Medical Education. Journal of the American College of Cardiology. 2020.
7. Ross DA. Creating a “Quarantine Curriculum” to Enhance Teaching and Learning During the COVID-19 Pandemic. Academic Medicine. 2020.
8. Woolliscroft JO. Innovation in Response to the COVID-19 Pandemic Crisis. Academic Medicine. 2020
9. Ahmed H, Mohammed A, Elghazaly H. COVID-19 and medical education. Lancet Infect Dis. 2020.
10. Eva KW. Strange Days. Editorials. Medical Education. 2020.